

O TEATRO E A CIDADE: TRANSFORMAÇÕES DE UM SÍMBOLO CULTURAL

Renata Bastos Dellamea Ferraz¹⁷⁴

Judite Sanson de Bem¹⁷⁵

RESUMO: Mais que um teatro, um complexo cultural. É assim que, hoje, o Theatro São Pedro¹⁷⁶ se denomina. Transformação iniciada nos anos 1970 que culminou numa proposta inovadora, a de reunir num único espaço uma diversidade de oferta de bens culturais voltados a impulsionar o desenvolvimento local. Desde o século XIX, o teatro é protagonista na paisagem urbana, difundindo arte, promovendo vivências, saberes e reflexões. O teatro se tornou um marco, um símbolo, um centro de referência. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo geral analisar as transformações do teatro desde sua criação até os dias atuais. O estudo é considerado exploratório e traz um referencial teórico sobre memória, bem como contexto histórico e dados quantitativos da área cultural. As conclusões possibilitam verificar as transformações pelas quais o teatro passou e que potencializaram a oferta de bens culturais para a população local.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Cultura; Theatro São Pedro.

INTRODUÇÃO

A quantidade de teatros em Porto Alegre, no século XIX, era praticamente inexistente na paisagem urbana do território. Os tabladados improvisados que abrigavam modestas apresentações para um público frequentador mais popular não apresentavam condições de atrair a classe burguesa. A Casa de Ópera e o Teatro Dom Pedro II, por mais que tivessem sido as primeiras casas de cultura e arte do município, não conseguiram atender as expectativas do público exigente e das autoridades locais. Em atendimento

à solicitação da população local, em 1833, o governo da Província cede um terreno na praça principal da cidade para a construção de um teatro, o Theatro São Pedro.

Inicialmente, o projeto arquitetônico, contemplava dois prédios inspirado em grandes casas de espetáculos europeias, mas apenas o teatro sobreviveu na paisagem urbana da cidade. O local era considerado deslumbrante demais para uma simples capital da Província [...] um legítimo galardão para a cidade, salientando-se no complexo urbano da época, não só por seu porte como por seu luxo e bom gosto de sua decoração interna [...] (DAMASCENO et alii, 1975, p.24) Espaço ideal para atrair público de diferentes classes sociais e irradiar padrões e comportamentos burgueses, o teatro foi, aos poucos, se consolidando no estilo de vida da população e se consolidando no mercado de bens culturais, o que justifica o presente estudo.

Nesse contexto, analisar as transformações do teatro, desde sua criação até os dias atuais é o

174 Doutoranda do PPG em Memória e Bens Culturais da Universidade Lasalle. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). E-mail: llamea@terra.com.br.

175 Dra. em História Íbero Americana pela PUC/RS. Docente do PPG da Universidade Lasalle/Canoas. E-mail: judite.bem@unilasalle.edu.br

176 Pela regra ortográfica a palavra “teatro”, substantivo comum masculino, se escreve sem a letra “h”. Por uma decisão de imagem, a Associação Amigos do Theatro São Pedro adotou a escrita com a letra “h”. Nesse sentido, quando o texto se referir como substantivo se escreverá sem a letra “h”, e quando se referir o nome próprio se escreverá com a letra “h”.

propósito desse artigo, que traz como problema entender de que forma o desenvolvimento do teatro contribui para o desenvolvimento cultural da cidade. O artigo é um estudo de caso, exploratório e descritivo com apresentação de dados quantitativos. O texto se subdivide em quatro seções. A primeira apresenta uma revisão teórica sobre memória e patrimônio; a segunda resgata a evolução histórica do teatro e dados da cultura na cidade nos anos 80; a terceira apresenta o complexo cultural São Pedro; e por fim, as considerações finais.

THEATRO SÃO PEDRO: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO

O ponto de partida para entender porque o Theatro São Pedro é considerado um símbolo cultural para a cidade de Porto Alegre requer uma apresentação dos estudos sobre a memória. Sua trajetória histórica de mais de 160 anos ainda habita a memória dos indivíduos, permanecendo viva. A cada lembrança uma nova história do local é retratada, um novo contexto é apresentado, novos personagens aparecem e novas relações são evidenciadas. Dito isso, o funcionamento da memória constituiu-se numa ponte entre o teatro e a sua representação como símbolo. Símbolo construído por desejos, aspirações e motivações passíveis de classificação, tradução de valores, ações e comportamentos. (BACZKO, 1985). Símbolo construído por representações sociais associadas a categorias e nomes que dão forma aos objetos. Representações comunicáveis, móveis, circulantes e dinâmicas. Representações que aproximam sujeitos de objetos dando-lhes um sentido servindo de foco para a memória. (MOSCOVICI, 2015).

O teatro é, dessa forma, um espaço de memória e imaginação, lugar de memorização ativa, em constante transformação e de significados diversos. No livro *“Theatro São Pedro: 150 anos de história”*, publicado em 2008, em comemoração ao seu aniversário, é possível conhecer o teatro a partir de experiências, histórias, símbolos e ideias que refletem relações sociais. É possível encontrar memórias e significados do porquê ser um local que remete à imaginação, a lembranças e memórias, memórias coletivas que mudam conforme o lugar ocupado pelo indivíduo dentro do mundo social e das relações que mantém com os outros. (HALBWACHS, 1990, p. 51) Memória que ocupa um espaço importante na cena pública podendo passar de memória-história para memória-patrimônio, símbolo de identidade. Nesse processo de construção de valores, os atores sociais podem articular sua legitimação fazendo com que os elementos culturais sejam “interpretados e inseridos em uma lógica da gestão patrimonial condizente com o grupo ou sociedade da qual fazem parte...” (FERREIRA, 2012, p.15)

Estando a sociedade em permanente transformação, somente com a investigação do sentido dado ao monumento histórico é que as ações de preservação são propostas. (CHOAY, 2014). Ações públicas que podem ser formuladas e/ou implementadas atendendo a determinados objetivos e com atores sociais diretamente envolvidos no processo. Ações postas em prática a fim de impulsionar espaços da cidade, seja preservando um objeto que reconstrói memórias e sentidos, seja renovando objetos a partir do passado, presente e futuro. A cidade é, assim, uma propriedade cultural partilhada, disposta a aprender com sua história e com sua memória social, a reconhecer territórios e temporalidades urbanas, a envolver atores públicos e privados, e a educar o olhar para reconhecer um monumento que possua sentido. (PESAVENTO, 2004) Nesse meio, planos, projetos e mecanismos são moldados partindo-se da ideia de que patrimônio é uma construção que requer práticas sociais. Práticas que consistem em “ações simbólicas, desenvolvidas em arenas ou situações sociais por sujeitos (indivíduos e instituições) estruturalmente posicionados a partir de motivações e estratégias referidas a sistemas de forças sociais.” (ARANTES, 2006, p. 426)

O Theatro São Pedro é um patrimônio, um produto no mercado de bens simbólicos, fundamental para o desenvolvimento, envolvendo fatores econômicos, políticos, educacionais e afetivos para a condução de diretrizes de sua gestão. (BOLÁN, 2010) Bem cultural pertencente a um mercado diferente de outros na medida em que agentes transacionam produtos que são invisíveis adotando estratégias e práticas contraditórias, pois os bens tem um preço, mas se apresentam como sem preço. (BOURDIEU, 1996) O teatro tem um preço, mas um preço simbólico, carrega valor cultural, sentido que perpassa gerações. O teatro é um monumento, um objeto que faz parte da fotografia da cidade.

CENÁRIO CULTURAL NOS ANO 80

O surgimento do Theatro São Pedro transformou a paisagem cultural urbana. Porto Alegre, tida como o principal centro econômico da província, no século XIX, via seu processo de urbanização crescer e o atendimento das necessidades da comunidade fazia despontar para novas edificações e novos espaços que alteravam a fisionomia da cidade. (PESAVENTO, 1991). Quando foi inaugurado, em 27 de junho de 1858, o teatro pode ser comparado às casas de espetáculos do Rio de Janeiro e São Paulo. (D'AMBROSI; MEIRELLES, 2014). O local era considerado [...] vistoso demais para a capital de uma simples Província [...] um legítimo galardão para a cidade, salientando-se no complexo urbano da época, não só por seu porte como por seu luxo e bom gosto de sua decoração interna [...] (DAMASCENO et alii. 1975, p.24). Espaço ideal para atrair público de classes sociais diversas, o teatro se tornou instrumento de desenvolvimento econômico, social e cultural. Desenvolvimento quanto à diversidade na programação, na nacionalidade dos artistas, nos temas e gêneros dos espetáculos. Desenvolvimento das relações das famílias, público, governantes, artistas amadores, artistas profissionais e empresários.

Tal desenvolvimento oportunizou a geração de grêmios e sociedades dramáticas, a valorização de obras de autores nacionais, a profissionalização dos “homens de teatro”, a criação de cursos de arte dramática no ensino superior, a instituição nas escolas de cursos de dramaturgia para formação de professores bem como a criação de festivais de teatro envolvendo teatro acadêmico, estudantil, agremiação e cursos de arte. Nos seus mais de 115 anos de existência, o São Pedro era uma casa aberta a todos, acolhendo apresentações qualificadas e heterogêneas. A mensagem que o local transmitia permitia receber “[...] com a mesma hospitalidade espetáculos e realizações de toda a espécie, desde apresentações de companhias dramáticas e líricas até convenções de partidos ou formaturas de estabelecimento de ensino.” (DAMASCENO et alii, 1975, p. 302)

O São Pedro deu oportunidades para que artistas locais pudessem mostrar suas habilidades e despertar na população o interesse pela cultura, desempenhando uma função social importante. Com o passar do tempo sua estrutura física foi necessitando de manutenções mais frequentes, chegando a encerrar suas atividades, em 1972, aguardando o momento de sua reabertura.

No entanto, a configuração espacial de Porto Alegre nas décadas de 1970 e 1980, em nada lembra os períodos anteriores. O aumento populacional, o crescimento imobiliário, o surgimento de novos bairros e espaços culturais alteraram o cenário urbano. Mesmo assim, o teatro, permanecia com vestígios de uma espécie de herança, testemunhos e representações carregadas de valores humanos e aspirações pessoais, como toda a cidade que tem sua história e suas formas. (MATTAR, 2010).

No final dos anos 1970, Porto Alegre ganha um novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano remodelando o território de forma integrada com “[...] a finalidade de obter a melhoria da qualidade de vida da população e o incremento do bem-estar da comunidade[...]”, objetivando “[...]a ordenação do

crescimento urbano do Município, em seus aspectos físicos, econômico, social, cultural e administrativo, o pleno aproveitamento dos recursos administrativos, financeiros, naturais, culturais e comunitários do Município[...]”¹⁷⁷. O Plano remodelava a estrutura de ocupação urbana para atender sua população de 1.158.709 habitantes sendo 99,9% residentes nesse espaço. (IBGE, 1981)

A cidade ganhava, assim, outros contornos como viadutos, perimetrais, elevadas e túneis. A área central da cidade, tida como área nobre nos anos 1960, assumiu outra imagem: bondes elétricos foram retirados e instalaram-se bancas de floristas; terminais de ônibus na área do Mercado Público e da Praça XV foram construídos; Rua da Praia, Praça da Alfandega e Praça Otávio Rocha formaram um calçadão de pedestres; a instalação de uma Rodoviária junto ao Cais do Porto foi erguida; a construção do túnel Conceição e muro da Avenida Mauá foram executados; e a Avenida Praia de Belas ampliou o acesso para outras áreas da cidade. (PESAVENTO, 1999, p. 161)

Novos hábitos foram introduzidos à população como a ida aos *shoppings centers* “[...] que possibilitaram às camadas médias urbanas e às classes abastadas a participação num mercado de consumo sofisticado [...]” e a novos parques como o Harmonia, Marinha do Brasil e Moinhos de Vento. O momento oportunizou a criação de associações de bairros, a valorização dos centros de tradições gaúchas (CTGs), shows musicais, bailões e encontros no Brique da Redenção. (PESAVENTO, 1999, p. 165)

O Theatro São Pedro, de portas fechadas, compartilhava espaço com mais de 11 espaços teatrais em Porto Alegre¹⁷⁸, passando mais tarde a registrar 17 locais. O funcionamento dos teatros na cidade, na época, apontava aspectos técnicos interessantes, conforme as estatísticas do IBGE (1975). O retrato mostrava que: apenas 33,33% dos teatros tinham sistema de refrigeração; 50% ventiladores; 33,33% calefação; 83,33% sanitários; 50% bebedouros; 50% possuíam iluminação direta e 33,33% indireta; 50% poltronas estofadas e 33,33% de madeira; e 66,67% tapetes. Apenas um teatro possuía carpintaria especializada; quatro aparelhos para iluminar cenários e um para movimentar cenários. Com relação a aparelhos de reprodução sonora de alta fidelidade apenas dois detinham esse recurso, enquanto os outros ainda possuíam a forma magnética e estereofônica. A estrutura de operação dos teatros revelava que 25% funcionavam semanalmente e 8,33% diariamente; e quanto ao tipo de construção 50% eram tidas como especiais e 41,67% adaptadas; nenhum local possuía elevador, mas em compensação a quantidade de camarins coletivos eram superiores aos camarins individuais. Em contraste a nível país onde 45,36% funcionavam diariamente e 69,59% eram construções especiais e 29,90% adaptadas. (IBGE, 1982)

Dadas essas condições físicas, somadas ao público cada vez maior, outros locais foram sendo procurados para acomodar as produções que necessitavam de melhores qualidades técnicas e lugares suficientes para sua demanda. A nível país (Tabela 1) a evolução dos equipamentos culturais mostrava que não eram os teatros os equipamentos culturais de maior quantidade e sim as bibliotecas, museus e emissoras de televisão. Ou seja, novos tempos que se refletiram também a nível estadual, onde as bibliotecas cresceram 1.322,40%, as emissoras de televisão 550%, os museus 210% e os teatros 200%. Quanto à participação do estado a nível nacional, as emissoras de rádio e televisão, cine-teatros e museus apresentavam maior participação, em ambos os períodos.

Por mais que a concentração das atividades culturais estivesse localizada em São Paulo e Rio de Janeiro, nos anos 1980, o Estado do Rio Grande do Sul projetava-se frente aos demais entes federados

177 Lei Complementar Municipal de Porto Alegre, n. 43 de 21/07/79.

178 Os teatros eram: Teatro Dante Barone; Auditório da Assembleia Legislativa; Teatro Arena; Teatro Leopoldina; Teatro Araújo Viana; Teatro da Câmara; Teatrinho do DAD; Círculo Social Israelita; Teatro Clube de Cultura; Teatro Instituto de Artes da UFRGS; Teatro - Reitoria da UFRGS; Teatro da PUC; Teatro Renascença; Teatro Alvaro Moreyra; Teatro do Ipê; Teatro Um; Teatro da Ospa, antigo Teatro Leopoldina; Teatro Presidente (GOLIN et alii. 1989, p. 24).

ocupando o 3º lugar em despesas realizadas na função educação e cultura; o 3º em quantidade de teatros, bibliotecas e museus; e o 4º em cinemas, cine-teatros, atividades culturais e associações culturais. Quanto à dependência administrativa (IBGE, 1985), 50% eram municipais, 18,75 % particulares, 18,75% estaduais e, apenas, 12,50% federais.

Nesse contexto, as modalidades das atividades culturais eram diversas como reuniões, assembléias, apresentações folclóricas, concertos, recitais, audições e exibições de música. As reuniões e assembléias detinham maior participação com 26,14% seguidas das apresentações folclóricas com 15,96%; dos concertos, recitais e audições com 10,39%; e exibições de música com 7,93%. Os cinemas (1,77%) ficaram a frente das representações teatrais (1,44%).

As associações cresceram e segmentaram-se, também, nesse período. As artísticas e de cultura, em geral, concentravam o mercado, onde juntas detinham, 81,85% e 78,79%, tanto em quantidade física como em número de associados. As associações literária, científica e tecnológica, e de difusão lingüística apareciam logo em seguida; enquanto que as voltadas para o teatro detinham tímida participação como 1,03% e 0,09% em quantidade e associados.

THEATRO SÃO PEDRO: DE UM PALCO A UM COMPLEXO

Conforme aponta Pesavento (2004 p. 1597) recuperar a cidade do passado implica em “[...] registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano[...]”, mas mais, ainda, implica em ir além dos domínios do simbólico e do sensível, implica em “[...] sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história.”

Dentro dessa ideia, a restauração do São Pedro envolvia identidade, história e sentido que permaneciam no espaço da cidade, nas lembranças e memórias individuais e coletivas. Acreditando nisso, em 1975, através da Secretaria da Educação do Estado, Eva Sopher foi convidada a assumir o desafio de trazer à tona o São Pedro “[...] pois nem todos estavam efetivamente convencidos de que valia a pena investir recursos públicos naquele velho casarão em ruínas [...] numa época em que não existiam as leis de incentivo à cultura.” (AXT, 2008, p.74).

Pode-se afirmar que a figura de Eva Sopher se confunde com a do Theatro São Pedro tamanha importância de sua atuação frente à gestão do local. Na década de 60, radicada em Porto Alegre ficou responsável pela Pró-Arte na cidade estabelecendo uma grade de programação em diversos locais artísticos, inclusive no Theatro São Pedro, com a justificativa de que o quadro cultural da cidade mostrava-se tímido diante de outros estados. Como forma de reduzir os custos de operacionalização dos eventos que promovia, a programação seguia o roteiro dos outros estados, mas “cada cidade podia incluir seus próprios nomes na programação.” (p. 46)

Numa época em que não existiam leis de incentivo a cultura, as articulações políticas eram o foco das ações. A nível federal, sua força política veio dos contatos com o Ministério da Educação e Cultura, o que lhe garantiu um convênio entre o órgão e o Estado e a criação da Fundação Estadual Teatro São Pedro, em 1982, com objetivo de diversificar outras fontes financiadoras para a reconstrução. Como entraves ao longo do processo dois fatos foram observados: primeiro, a falta de verbas; e segundo, o desinteresse dos gestores públicos. Conhecido esses problemas, o movimento de sensibilização, com ações criativas e tom crítico, foi fundamental para pressionar os administradores públicos a retomar a prioridade na área da

cultura. A cultura, em seu entendimento, tinha que ser encarada como artigo de primeira necessidade e para isso deveria se criar um mercado para vendê-la através das entidades culturais, pois “o artista não passa, no momento de sua apresentação, de uma mercadoria cuja aceitação depende do mercado, e de toda a publicidade que se possa fazer em torna dela.” (HOHLFELDT, 1991, p. 144)

Nessa missão, o senso de equipe foi fundamental e contou com o trabalho de dois arquitetos, Carlos Antônio Mancuso e seu assessor Antonio Carlos Castro. A determinação era que a arquitetura do teatro deveria ser mantida, respeitando sua identidade histórica, unindo o original e o moderno, a tecnologia e a tradição “[...] para dotar a cidade de uma moderna e confortável casa de espetáculos”. (AXT, 2008, p. 83). A estrutura externa preservou sua arquitetura e as escavações proporcionaram aumentar a área útil do prédio. Toda a parte interna foi retirada, recebendo nova estrutura e os gradis foram restaurados. Distanciando-se do pensamento de que o destino das construções do passado é serem consumidas pelo tempo, arquitetos e historiadores interviram “[...] no processo preservando a memória, sentido e história” (PESAVENTO, 2004, p.1603). Para Eva Sopher, a filosofia da obra era devolver, [...] sua atmosfera, acolhedora e bela ao mesmo tempo, inserindo nela os recursos da atual tecnologia. Era devolver à Capital aquele monumento que dela fazia uma Capital, era devolver ao porto-alegrense sua memória. (THEATRO SÃO PEDRO, 1984, p. 13). O local deveria preservar seus símbolos, valores e crenças construídas ao longo de sua existência. E por mais que a passagem do tempo tivesse castigado sua estrutura física, restando pouca coisa antiga, a restauração deveria conservar e revelar o valor estético e histórico-cultural do monumento, e seu significado simbólico.

Finalizada a obra, no dia 28 de junho de 1984 o teatro foi reinaugurado e no mesmo ano foi considerado patrimônio cultural do estado. Desde seu fechamento até essa data, nove anos se passaram para oferecer a cidade à volta da memória do local. Por sua “obstinação germânica, sensibilidade italiana e trabalho açoriano”, Eva fez história (AXT, 1984, p. 55). Figura humana que se confunde com o teatro, sua tarefa de adotar aquele “templo secular” como parte de sua vida foi seu maior desafio de trabalho, acreditando que se assim não fosse a demolição do local se tornaria realidade. (THEATRO, 2008). Eva vendia o projeto como uma “mercadoria abstrata, desacreditada e desrespeitada” um “status”, uma “credibilidade num momento de absoluta ausência”, uma “ilusão”, a “certeza da palavra empenhada”, “espetáculos para dia e hora indicados dentro de uma obra de cimentos e tintas”, “cultura no meio de pedreiros e operários”. (HOHLFELDT, 1991, p. 141) Mesmo assim, seu esforço não foi em vão, e em 1985, o balanço era de 305 apresentações com 121.698 pessoas. No ano seguinte, em 1986, 270 promoções com público de 100 mil pessoas pagantes mais 20 mil de promoções gratuitas com projetos especiais no foyer, encontros, ensaios e música. (HOHLFELDT, 1991)

Hoje, a cidade possui 36 teatros com capacidade de 9.292 lugares, sendo 53% administrados por gestão privada. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2019) No Bairro Centro, se concentram 13 locais onde o Teatro São Pedro é o único formado por um complexo que ocupa uma área de 25 mil m² que inclui o teatro principal e um anexo denominado de Multipalco São Pedro. O teatro não passa despercebido do cenário urbano pois sua infraestrutura em nada lembra o período de sua reconstrução. O local estendeu sua área física seguindo as novas tendências culturais que as casas de espetáculos precisavam ter para atender a demanda crescente fazendo com que o setor público cedesse um espaço de área maior ao lado do teatro. (D’AMBROSI; MEIRELLES, 2014, p. 72) Sua *Missão* é “encantar, divertir e emocionar as pessoas, através da apresentação de teatro, música, dança e ações culturais de qualidade, contribuindo para a democratização da cultura”; sua *Visão* é “constituir-se, junto ao Multipalco Teatro São Pedro, em um grande centro de referência das artes de palco da América Latina.”; e seus *Valores* são “qualidade artística, respeito ao patrimônio público, e crença na energia e no talento das pessoas.” (THEATRO SÃO PEDRO,

2017) A estrutura física é grande, exigindo organização e recursos para manter suas dependências em uso. A histórica fachada do Theatro e a praça Multipalco são as entradas de acesso principais e pela vista aérea é possível ver como se distribui seu complexo (Figura 1). O Theatro São Pedro se posiciona ao fundo e os demais espaços na área anexa. Pela frente tem-se acesso ao teatro principal, foyer e memorial; pelo acesso administrativo, ou pela entrada do complexo, se tem acesso às salas de música, múltiplas, lojas, oficina e de dança, além do teatro italiano. O estacionamento para 240 vagas, distribuídas em três andares, situa-se na lateral do complexo e sua fachada externa oportuniza acesso rápido à via pública. Na praça, estão localizados o restaurante Du'Attos e a concha acústica, servindo de passagem para o teatro. Em 2018, pesquisa realizada pela consultoria JLeiva Cultura e Esporte (2018) apontou que 89% dos entrevistados conhecem o Theatro São Pedro e que 54% já foram no local. (MEIRELLES, 2018)

Se em 1984 apenas um palco foi reinaugurado, atualmente complexo possui: dois teatros, uma sala de dança, uma sala aos associados, um bar, um restaurante, um galpão crioulo, dois foyers, um memorial, um estacionamento, uma concha acústica, uma sala de imprensa, quatro lojas, cinco salas de oficinas, quatro salas de reuniões, quatro salas de músicas, uma musicoteca, uma sala de instrumentos e cinco salas de oficinas. Para dar conta de todo complexo, em 1984, criou-se Associação Amigos do Theatro São Pedro com a finalidade de gerir o espaço juntamente com a Fundação Teatro São Pedro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do artigo foi analisar as transformações do Theatro São Pedro desde sua criação até os dias atuais. Para isso, o referencial teórico sobre a memória foi apresentado uma vez que o teatro é um bem herdado, um bem simbólico, possuindo um valor cultural e memória cultural. Considerado como patrimônio oficial da cidade, desde o século XIX, contribuiu para impulsionar o desenvolvimento da cidade e o mercado de bens culturais.

Com o passar do tempo, sua restauração foi necessária, dada a precariedade de sua infra-estrutura, necessitando de recursos financeiros e humanos para voltar a cena nos anos 1980. Nesse período, outros teatros já habitavam a paisagem urbana e concorriam com o São Pedro e uma diversidade maior de equipamentos culturais como cinemas, bibliotecas, cine-teatros, museus, rádio e televisão também emergiam para atrair o público. Mas, havia espaço para sua reconstrução dada as condições operacionais precárias com que os outros teatros funcionavam.

Hoje, o teatro é um centro de referência em Porto Alegre, que não cessa de se reinventar diante uma demanda cultural em crescimento e de novos espaços teatrais que transitam no mesmo cenário urbano. O local preservou e renovou seus traços, símbolos, memórias e histórias, mesclando o antigo e moderno em sua infra-estrutura, alterando a paisagem urbana. Seu compromisso com o desenvolvimento permeia uma grade de programações artísticas diversas em suas dependências internas e externas conferindo-lhe ser um polo de difusão cultural e educacional local.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio. **O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana**. HABITUS, Goiânia, v. 4, n.1, p. 425-435, jan./jun. 2006.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação – formas e transformações da Memória Cultural**. Campinas: editora da UNICAMP, 2011.

- AXT, Gunter. **O nosso Theatro: itinerário de um espetáculo sesquicentenário.** In: THEATRO SÃO PEDRO: 150 ANOS. Porto Alegre: Agência RBS, 2008.
- BAZCKO, Bronislaw. **A imaginação social.** In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem.* Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/12853058/Bronislaw-Baczko-Imaginacao-Social>> Acesso em: 15 jun. 2017.
- BOLÁN, Eduardo Nivón. **Del patrimonio como producto. La interpretacion Del patrimonio como espacio de intervención cultural.** 2010. In: *Gestionar el patrimonio en tiempos de globalización.* Universidad Autónoma Metropolitana México, pp.15-35, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas, sobre a teoria da ação.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio.** Portugal: Edições 70, 2014.
- D'AMBROSI, Regina; MEIRELLES, Mauro. **O Theatro São Pedro no espaço da cidade: memória social e consumo da cultura.** Revista Gestão e Desenvolvimento. Novo Hamburgo, Ano XI, v. 11, n.1, p. 58-76, jan, 2014.
- DAMASCENO, Athos et. alii. **O Teatro São Pedro na vida cultural do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Departamento de Assuntos Culturais da SEC, 1975.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado.** *Historia*, Rio Grande, 3 (3): 09-26, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3259/1936>>. Acessado em: março de 2019.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Vértice Centauro, 1990.
- HOHLFELDT, Antônio. **Doce Fera: Fragmentos biográficos de Eva Sopher.** Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1991.
- GOLIN, Cida et alii. **Teatro São Pedro: palco da cultura 1858-1988.** Porto Alegre: IEL, 1989.
- IBGE (1975) **Serviço de Estatística da Educação e Cultura.** Anuário estatístico do Brasil 1974. Rio de Janeiro: IBGE, v. 35, 1975.
- IBGE. Ministério da Educação, Secretaria Geral, Serviço de Estatística da Educação e Cultura, Divisão de Análise e Disseminação. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.
- IBGE. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Informática, Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.
- IBGE. Ministério da Educação, Secretaria Geral, Serviço de Estatística da Educação e Cultura, Divisão de Análise e Disseminação. Rio de Janeiro: IBGE, v. 47, 1985.
- IBGE. Ministério da Educação, Secretaria Geral, Serviço de Estatística da Educação e Cultura, Divisão de Análise e Disseminação. Rio de Janeiro: IBGE, v. 47, 1986.
- MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade de Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º. distrito.** Porto Alegre, 2010. 354 f Tese. (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010
- MEIRELLES, Ricardo; LEIVA, João. (2018) **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte.** Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018. 196p.
- MINISTÉRIO DA CULTURA, 2019. **Dados estatísticos culturais.** Disponível em: <<http://dados.cultura.gov.br/>> Acessado em: março de 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, Espaço e Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano**. IN: Fragmentos da Cultura, Goiânia, v. 14, n. 9, p. 1595- 1604, set. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. 2.ed. - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

THEATRO SÃO PEDRO. **Álbum ilustrado comemorativo de sua reinauguração**. Porto Alegre, Editora Gráfica Metrópole, 1984.

THEATRO SÃO PEDRO. **150 ANOS**. Porto Alegre: Agência RBS, 2008.

THEATRO SÃO PEDRO. **Infraestrutura**. Disponível em: <<https://www.teatrosoapedro.com.br/>> Acesso em: 20 abr. 2017.

Tabela 1: Equipamentos culturais no Brasil e Rio Grande do Sul - 70 e 80

	BRASIL			RS			RS/BR	
	70	80	$\Delta 70/80\%$	70	80	$\Delta 70/80\%$	70(%)	80(%)
Teatros	91	194	113,19	3	12	200,00	3,30	6,79
Museus	206	571	177,18	20	62	210,00	9,71	10,86
Cinemas	3.079	2.139	(30,53)	263	166	(36,88)	8,54	7,76
Cine-teatros	117	154	31,62	15	21	40,00	12,82	13,64
Bibliotecas	2.517	21.602	758,24	183	2.603	1.322,40	7,27	9,55
Emissoras de rádio	990	1159	17,07	124	149	20,16	12,53	12,86
Emissoras de televisão	40	108	170,00	2	13	550,00	5,00	12,04
Jornais de informação geral	957	1371	43,26	72	136	88,89	7,52	9,92

Fonte: Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Anuário estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1967, 1968, 1979, 1982, 1985, e 1979.

Figura 1. Vista aérea do Theatro e Multipalco



Fonte: Acervo Digital TSP